

## **NÚCLEO DA PESSOA E ANCORAGEM DA ALMA SEGUNDO EDITH STEIN**

*THE NUCLEUS OF THE PERSON AND THE ANCHORAGE  
OF THE SOUL ACCORDING TO EDITH STEIN*

Miguel Mahfoud<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Para abordar o tema do núcleo da pessoa e a ancoragem da alma humana, aponta-se, inicialmente, o campo das sensações em sua composição complexa de corpo-psique-espírito com abertura para a vivência da interioridade pessoal. Com a vida anímica-espontânea os movimentos da alma humana são de impressões e reações mas, contemporaneamente, a atividade do eu pode ser a de tomar posição nas vivências. As tomadas de posição, como movimentos da alma, podem ser mais pessoalizadas e mais livres quanto mais ancoradas no núcleo da pessoa. Como alma da alma, o núcleo é centro pessoal da formação da pessoa e sua ancoragem no reino do alto é a possibilidade de viver com mais liberdade as impressões e reações da vida anímica e as tomadas de posição no mundo contribuem para sua formação de modo mais intensamente pessoalizado.

Palavras-chave: Núcleo da pessoa. Alma Humana. Psicologia com Alma. Edith Stein.

### **ABSTRACT**

To approach the theme of the nucleus of the person and the anchorage of the human soul, initially, the field of sensations, in its complex composition of body-psyche-spirit with openness to the experience of personal interiority, is pointed out. With the soul-

---

<sup>1</sup> Dr. em Psicologia pela USP, prof. na Universidade Federal de MG.  
*E-mail:* mmahfoud@yahoo.com

animated life the movements of the human soul are impressions and reactions, but at the same time, the activity of the ego can be to take a position in the experiences. Positioning, like soul movements, can be more personalized and freer the more anchored in the nucleus of the person. As the soul of the soul, the nucleus is the personal center of the person's formation and its anchorage in the realm above is the possibility of living more freely the impressions and reactions of the soul life and taking positions in the world contribute to its formation more intensely personalized.

Keywords: Nucleus of the Person. Human Soul. Psychology with Soul. Edith Stein.

O presente artigo busca abordar a tematização do *núcleo da pessoa* por Edith Stein, chegando a identificar sua conexão com a *ancoragem da alma*.

É significativo que, em sua análise do ser humano, Edith Stein chegue à evidência da alma. Característica dos seres vivos, alma é tomada como elemento intimamente constitutivo de sua matéria específica. No sentido geral, *alma* é princípio constitutivo que age no interior da matéria de dado ente vivo; e a característica da alma humana vem a ser aclarada na análise em que seres inanimados e vivos são diferenciados e também na identificação da especificidade dos entes vegetais, animais e humanos. Para tanto, Edith Stein revisita o tema em várias de suas principais obras, como *Estrutura da Pessoa Humana* (2013), *Potência e Ato* (2007a), *Ser Finito e Eterno* (2004), dentre outras (ALES BELLO, 2012; LAVIGNE, 2016; SAVIAN FILHO, 2019).

Em seu método radicalmente descritivo, Stein (2013, 2019) evidencia que tomar consciência da alma equivale a estar cômico de “possuir um centro interior para o qual converge sensivelmente tudo o que provém do exterior, de onde emerge tudo o que no corpo aparece como proveniente do interior” (STEIN, 2013, p. 64). Assim, o campo das sensações é apontado como complexo, onde há intrínseca interdependência entre corporeidade, psique e espírito (as dimensões da pessoa humana): a corporeidade é apreendida pelas reações psíquicas e há diversos níveis possíveis de tomada de posição do eu em cada sensação particular, adentrando a interioridade pessoal que ali se insinua ou permanecendo em sua superfície da vivência sensorial, por meio de movimentos do espírito enquanto se dá a vivência de dada sensação (STEIN, 2007a; MAHFOUD, 2017a, 2020).

Assim, para Stein, a alma humana possibilita que vivamos uma dada sensação com a liberdade de adentrar a interioridade pessoal a constituir a vivência da sensação mesma. O eu pode ali tomar posição, pode se apresentar com maior ou menor intensidade naquela vivência do corpo-sensação.

*Liberdade* significa, primeiramente, a possibilidade de passar, por meio de si mesmo, do modo de ser inferior ao superior [...]; significa, além disso, a possibilidade de passar da forma originária da consciência – a que momentaneamente o ser da pessoa pertence – a uma outra, a um específico ato de reflexão, no qual a pessoa aparece diante de si mesma e no seu ato; e, finalmente, significa a possibilidade de entrar com um mais ou um menos de substância própria na atualidade mutável e de determinar esta atualidade através de uma escolha entre as possíveis espécies acidentais (STEIN, 2007a, p. 336, grifos da autora).

Tal integração de todas as dimensões da pessoa humana na vivência específica permite que o que se vive na interioridade pessoal de algum modo possa ser expresso na sensibilidade e corporeidade do indivíduo em questão. Mas, sobretudo, evidencia que os movimentos próprios de cada vivência têm um *centro*, interior e espiritual. Trata-se de um centro pessoal, pelo qual o processo de formação da própria pessoa pode resultar em singularidade (STEIN, 1999, 2017).

Quando, em sua autobiografia, Edith Stein (2018) relata sua vivência juvenil com a música de Bach, exemplifica a experiência de interioridade associada à sensação, sensibilidade e expressividade, mas, sobretudo, aponta que aquela experiência se tornara uma força pessoal, patrimônio singular que continuou a incidir na formação de sua própria pessoa.

Tinha uma predileção especial por Bach. Um mundo de pureza e de rigoroso respeito às regras tocava o âmago de meu coração. Quando, mais tarde, aprendi a apreciar o canto gregoriano, eu me reencontrei novamente e, a partir de então, passei a compreender o que tanto tinha me atraído em Bach (STEIN, 2018, p. 208).

Com a apreensão da força espiritual daquela obra de arte, o movimento livre do eu da jovem na vivência sensorial permitiu que aquela força se integrasse à sua pessoa mesma, à sua força pessoal, incidindo no processo de formação de sua pessoa em termos de sensibilidade e até mesmo de caráter. A experiência relatada exemplifica também a interioridade como centro, centro das vivências sensoriais bem como centro das próprias expressões pessoais, atuante tanto na vivência específica como em seu processo singular de formação pessoal (STEIN, 2017).

A alma humana, sendo princípio atuante constitutivo, tem um centro, um *núcleo* pelo qual a formação pode resultar em unidade singular – envolvendo as dimensões corpo, psique e espírito –, unidade efetivamente pessoal. Assim, Edith Stein identifica o núcleo da pessoa também como “*alma da alma*”:

A “alma da alma” é espiritual e a alma como totalidade é um ser espiritual cuja característica é ter uma interioridade, no centro, do qual ela deve sair para encontrar os objetos e ao qual ela conduz tudo o que recebe do exterior; um centro desde o qual ela pode também doar si mesma para o exterior. Aqui está o centro da existência humana (STEIN, 2013, p. 178).

Graças ao núcleo, a pessoa pode ter múltiplas e diversas vivências sem se dispersar ou perder a si mesma nelas; pode chegar a constituir unidade pessoal mesmo em meio

a experiências contrastantes e contraditórias. Núcleo pessoal como alma se refere a um centro constitutivo que permite unidade das dimensões da pessoa humana em cada vivência e unidade do indivíduo ao longo de seu percurso de vida e formação. Refere-se a unidade não forjada pelo sujeito: a alma da alma é a fonte mesma da unidade pessoal (STEIN, 2013).

Devido a alma da alma, a atualização das potências e a formação contínua é uma processo espiritual que envolve a pessoa em sua totalidade. Trata-se de uma estabilidade de fundo – constitucional – que nos permite viver pessoalmente a instabilidade das vivências.

Para o núcleo da pessoa não é pensável outro ser além daquele que se atualize na vida espiritual e, então, forme um caráter e progressivamente o transforme (por se tratar de vida atual e atualização de potências). Por isso, deve-se falar de pessoa que continuamente muda, ainda que o núcleo – que determina intrinsecamente todo o processo de formação – não se forme nem mude como ela (STEIN, 2007a, p. 368).

No entanto, não se trata de processo mecânico: este não pode se dar sem o movimento livre do eu ao adentrar, em maior ou menor grau, sua própria interioridade na vivência em ato.

A formação e estruturação contínua de nossa pessoa – segundo as características próprias de nossa individualidade – não se dá sem o movimento de nosso eu, sem nossa livre tomada de posição.

Alma e eu são estreitissimamente ligados. *Não pode haver alma humana sem eu*: a estrutura pessoal pertence a ela. Mas *um eu humano* deve ser também eu psíquico, e *não pode sê-lo sem alma*; seus próprios atos caracterizam-se como “superficiais” ou “profundos”, deitam raízes em uma maior ou menor profundidade da alma. Vivendo os atos, a cada vez o eu ocupa este ou aquele lugar na alma (STEIN, 2013, p. 119, grifos da autora).

Há a possibilidade de a pessoa tomar posição de modo a estar mais com seu eu presente em suas próprias vivências. Mas a pessoa pode também tomar posição no mundo com livre e forte presença do eu no ato, a ponto de colocar seu eu mesmo no mundo, chegando inclusive a “doar si mesmo” na vívida experiência. Neste caso, trata-se de tomada de posição na própria experiência ancorada no centro pessoal,

de forma tal que o eu livremente doa si mesmo a outro ou outros. Tal experiência evidencia a importância da “*alma da alma*” para a plena realização pessoal: ancoragem profunda que permite à pessoa voltar-se ao outro como plenitude de liberdade e de presença de si mesma no gesto. Tal realização pessoal nessa ancoragem se manifesta com *quietude e recolhimento* simultâneos à *abertura* livre e radical de sua própria pessoa, a ponto de seu eu se doar ao outro ou ao mundo social. Nessa ancoragem radical, a pessoa está “em casa”, abraça plenamente a si mesma, pode confiar-se às experiências e às relações. Nessa ancoragem pode-se chegar a dizer *eu* de um modo próprio.

Há um ponto, no espaço da alma, em que o eu encontra seu lugar *próprio*, o lugar de sua paz. O eu deve buscá-lo até que o encontre; a ele deve retornar, se foi abandonado. É o ponto mais profundo da alma. Só desde ali a alma pode “recolher-se”; desde nenhum outro ponto pode abraçar totalmente a si mesma. Somente desde ali pode tomar decisões verdadeiramente sérias, empenhar-se por algo, confiar-se e doar-se. Todos estes são atos da pessoa. *Eu* devo tomar decisão, empenhar-me etc. Este eu pessoal – que é também eu psíquico –, pertence a *esta* alma específica e nela tem sua morada (STEIN, 2013, p. 119-120, grifos da autora).

Nessa ancoragem radical o eu tem condições de utilizar o mundo para sua formação e desenvolvimento pessoal, mas, bem além disso, há possibilidade de tomadas de posição no mundo em profunda sintonia com as tomadas de posição do eu em suas próprias experiências, viabilizando assim que ele coloque algo de próprio no mundo (enquanto se dá a experiência de estar corporalmente no mundo ou de lidar com a sensibilidade ou o temperamento próprio e alheio). Nessa ancoragem íntima e única, ao tomar posição, o eu forma a si mesmo e modula o mundo da vida de modo não alienado.

Ao ouvir música, por exemplo, com sensibilidade própria uma pessoa pode aceitar vivenciá-la, dar-se conta de certas reações e tomar consciência de si mesma e da obra. Mas ancorada no centro da alma, pode chegar a livremente colocar si mesma no mundo – doar si mesma – através de uma tomada de posição. Já não se trata de reação, mas de um livre movimento do eu possibilitado pela ancoragem no próprio núcleo pessoal.

Sem um núcleo pessoal não haveria como evitar que a vivência sensorial se tornasse uma evasão estética alienante, levando a uma perda de si próprio ao voltar-se para algo que não fosse si mesmo, continuamente lidando com impressões sensoriais

recebidas do exterior e reações que permaneceriam uma multiplicidade de vivências sem identidade. A partir do núcleo a unidade pessoal pode ser constituída com respeito radical à própria sensibilidade e a tudo o que se encontra no mundo da vida, a ponto de o resultado ser um eu pessoal e único. E com essa identidade, o sujeito pode lidar com o mundo configurando-o como seu mundo, como mundo humano.

A vida anímica natural-ingênua [ou natural-espontânea] é uma constante mudança de *impressões e reações*. A alma recebe impressões desde fora, do mundo em que o sujeito dessa vida está e o toma como objeto com o espírito; essas impressões colocam a alma em movimento, desencadeando nela tomadas de posição no mundo: horror ou surpresa, admiração ou desprezo, amor ou ódio, temor ou esperança, alegria ou tristeza etc. Também *querer e atuar*. Reunimos tudo isso sob a denominação de *reações* e, nos últimos exemplos – querer e atuar –, costuma-se falar especificamente de *atividades*. Com certo direito, pois em todas as tomadas de posição, a alma está em movimento, em ação, e no querer e atuar o movimento não fica enclausurado em si mesma mas devolve o ímpeto para fora, intervém no mundo exterior, configurando-o (STEIN, 2007b, p. 68, grifos da autora).

Querer ser si mesmo se refere a um movimento do eu, a um movimento de liberdade. Mas o que significa ser si mesmo não é algo que possa ser forjado, não está no campo da decisão mas do reconhecimento. E tal reconhecimento se dá em relação a seu próprio núcleo pessoal. Além de possibilitar e garantir a unidade das experiências da pessoa, o núcleo possibilita também que mudanças se tornem crescimento como um eu e estructurem um caráter pessoal.

O núcleo, como alma da alma, possibilita que, ao longo de seu percurso de vida, o eu mude tornando-se cada vez mais si mesmo. Viabiliza integração e estabilidade, mas estabilidade nos processos dinâmicos de crescimento e desenvolvimento de um eu. Neste sentido, a partir do núcleo pessoal, as múltiplas vivências podem atualizar o que somos: abrem campo para atualização das potências da alma – memória, vontade e intelecto – em função de uma continuidade do ser pessoal nas mudanças (STEIN, 1999, 2013).

Neste sentido, desde a vida interior, pode se dar o processo de configuração pelo qual resulte um eu das múltiplas experiências, e se configure um mundo não alienado de si mesmo a partir das diversas tomadas de posição (STEIN, 2017).

Assim, a vivência marcante da jovem Edith Stein ao ouvir a música de Bach não resultou em conformação de sua pessoa a Bach; favoreceu que ela se tornasse

mais si mesma a partir daquela experiência de *encontro*, na acepção dada a esse termo por Romano Guardini (2002). O processo se deu pela atualização de suas potências da alma.

Alma humana e eu estão, então, em íntima relação: alma humana não poderia atuar sua constituição da pessoa sem as livres tomadas de posição do eu e o eu não poderia ser si mesmo sem a alma da alma, muito menos poderia ser livre sem alma humana (permaneceria reativo e a configuração de si resultaria articulação aleatória ou artificiais de elementos diversos). Devido a esta íntima interdependência entre alma e eu, a alma pode ser alma humana e o eu pode existir como identidade e como sujeito livre no mundo.

Interessante notar que inclusive o eu psíquico não vive sem alma, sendo que sua constituição e vida se dão em um processo, continuamente ativo. A retomada contínua da ancoragem no núcleo – para elaborações das múltiplas experiências como não alienadas de si mesmo – permite aprofundamento e crítica frente a tendências culturais hegemônicas como, por exemplo, a de conceber a psique humana apenas em termos de reações ou a de propor identidades em termos de defesa de certa imagem que o sujeito quer afirmar sobre si mesmo, ou a de tomar memória apenas como pura narrativa etc.

É como eu psíquico que se adentra a própria interioridade, a partir das sensações e reações. É ali que se adverte um convite a adentrá-la. E é com sua alma que o eu psíquico pode se estruturar com identidade própria a ponto de ter um caráter formado. Sem ancoragem na interioridade pessoal (espiritual) o eu psíquico não se estruturaria nem mesmo como humano. Nem mesmo há vida própria do eu psíquico independentemente da alma.

A evidenciação que Edith Stein nos oferece de tais processos nos auxiliam a evitar certos esquematismos recorrentes em nossa cultura: Tomando o psiquismo como reações, tendemos a valorizar a dimensão do espírito como fosse apartada, mas o que está em questão é chegar a colher a unidade e complexidade própria da pessoa humana. Colhendo a unidade do ser humano, pode-se, em qualquer nível de experiência, advertir um convite à interioridade, com a qual a tomada de posição no mundo é efetivamente pessoal, capaz de autenticidade nas relações humanas e de originalidade na construção do mundo da vida.

Em sua análise sobre o ser humano em *Potência e Ato* (parte IV, §23), Edith Stein (2007a) evidencia que, ao lidarmos com nossas próprias experiências, sempre

podemos nos dar conta de um nível superior envolvido. Uma sensação na mão leva-me a considerar a materialidade do copo que a toca, e só posso considerar a experiência da materialidade de minha própria mão a partir da dimensão psíquica e, ao mesmo tempo, só posso considerar o copo provocando sensação através da atividade do espírito, quando o eu toma posição na vivência daquele acontecimento. Nem mesmo um elemento sensível muito simples e imediato pode ser advertido em mim sem que a alma esteja presente como estruturante. Ao nos referirmos a núcleo da pessoa, tematizamos a possibilidade da tomada de posição do sujeito na multiplicidade de campos de experiência, tomada de posição do eu livremente ativo ao adentrar a vivência em ato, e também ao adentrar a interioridade pessoal mesma. Tendo o recurso do núcleo, a abertura da pessoa humana não se refere apenas a novas experiências, mas inclusive à abertura a si própria, à sua interioridade, que coloca a foco o próprio eu em ato (Cf. MAHFOUD, 2017a).

Se, por um lado, o núcleo é tão estruturalmente fundamental para a pessoa humana, pelo qual as vivências possam ser aberturas à experiência do eu vivo, em quaisquer âmbitos, por outro, o núcleo da pessoa é também um espaço da alma muito próprio, que não se configura como objeto entre outros, mas se manifesta como lócus particularmente significativo e pessoal por, ao adentrar a própria interioridade, ser possível fazer experiência de si mesma e de estar em seu próprio lugar, estar em casa consigo mesma, em quietude. Não é o campo em que me esforço para silenciar, mas é onde finalmente me calo. Calo não por não ter o que dizer, não por falta de interesse, mas por saborear o processo que está se dando (STEIN, 1999; MAHFOUD, 2017b).

Assim, a escolha de adentrar e permanecer na interioridade pessoal não é meramente uma opção dentre outras: está em jogo a intensidade pessoal das vivências, a realização, a possibilidade de ser si mesmo. Não se trata de mecânico processo de formação, mas de um espaço pessoal no qual é possível fazer uma intensa e significativa experiência de si.

Na audição de uma música o sujeito poderia acentuar os elementos mais imediatamente reativos de sua vivência, como as batidas marcando o ritmo, ou pode abrir-se à sua própria sensibilidade descortinando possibilidades de tomada de posição do eu, com descobertas que passam a acompanhá-lo em outras experiências ao longo de sua vida, e na possibilidade de entrar no mundo da vida como um eu ativo e com sua própria sensibilidade como referência, na experiência de estar em casa. A música é vivência a partir do ritmo, sem dúvida, e o aspecto mais imediato e reativo nunca é dispensado, mas ele pode passar a compor um processo de outra

ordem. A ancoragem no núcleo não é uma possibilidade entre outras, mas a chance de experimentar a paz no mundo das sensações, superando a sua característica exasperação. O que está em jogo é como nossas vivências – até mesmo as mais básicas – fazem parte de um processo de movimento pessoal no qual nos reconhecemos em paz por sermos nós mesmos, por abraçarmos a nós próprios – ou mesmo em situações desagradáveis – como expressão de liberdade.

O poeta português Daniel Faria (2016, p. 71, no poema “*Alguma coisa trazia a candeia para dentro*”), atento à sua interioridade, adverte força e luz interior em si evidenciando-se no ato mesmo da escrita, a convidar a ainda maior interioridade enquanto seu gesto ganhava ainda maior intensidade: “*Enquanto eu escrevia era como se fosse uma palavra de manhã, uma mãe a chamar o filho; eu trazia uma candeia na garganta, onde o silêncio aceso me queimava*”. E ele chega a reconhecer aquela vivência como seu lugar próprio, aceito como quem repousa e ganha mais clara identidade: “*Eu vim para dentro e sentei-me como se fosse uma palavra cansada. [...] Havia uma força cega e era um verbo de sangue para o silêncio arder. [...] O meu nome era a chama do silêncio*”. Ali, uma força é apreendida ao fazer sua pessoa – suas expressões, seu posicionamento –, arder de vida. Ali, até o silêncio é pleno de intensidade a fecundar as palavras.

Outro elemento experiencial que se refere ao núcleo é a habilidade de tomar *decisões* a partir do âmago pessoal (em contraste com decisões baseadas em certas utilidades ou conveniências). Decisões podem se basear em arbitrariedades; no entanto, podem também se referirem às possibilidades de a pessoa ser si mesma no ato, com realização pessoal, configurando-se como experiência de liberdade. Não ancorada no núcleo, a decisão inevitavelmente seria baseada em algo alheio à própria pessoa, gerando alguma experiência de alienação e de falta de liberdade.

Recolher-se, abraçar a si mesmo, tomar decisões livres e autênticas, são atos de um eu. Com os movimentos a partir do eu psíquico, na vida anímica espontânea – onde se vive de impressões e reações – pode-se tomar posição em relação às vivências, não se tornando presa delas. Pode-se tomar posição em relação ao “horror ou surpresa, admiração ou desprezo, amor ou ódio, temor ou esperança, alegria ou tristeza” (STEIN, 2007b, p. 68), de modo tal que vivências e valores nelas apreendidos possam formar a nós mesmos e então configurar nossa atuação no mundo da vida. Ancorada no núcleo, então, a pessoa não se fecha em si mesma – pelo contrário, pode atuar no mundo de modo personalizado, pode configurar o mundo com sua sensibilidade e valores advindo da tomada de posição pela dimensão do espírito, gerando movimento espiritual através da materialidade (como pode ser a experiência musical de uma

jovem ou escrita poética fecundada pela intensidade do silêncio e quietude pessoal, pela força da vida pessoal interior).

A vida anímica natural-ingênu, natural-espontânea, de algum modo lida com impressões recebidas, mas a possibilidade de ancoragem em si mesmo, ancoragem no próprio núcleo pessoal, faz com que essas impressões já não sejam o centro. Além da tomada de posição em relação às reações (como aquelas de horror ou surpresa, admiração ou desprezo) há a possibilidade de ancoragem em si mesmo. No entanto, é fundamental considerar que estar ancorado em si próprio é também estar ancorado em algo que é além de si, o que fica evidente nas experiências de tomadas de posição pessoais que resultem em confiança na vida – e não exatamente em certas condições de vida –, quando aquilo que desagrada já não contraria tanto, ou a dor do limite já não é tão determinante. Trata-se de uma ancoragem além de si mesmo que é, ao mesmo tempo, maior ancoragem em si mesmo. É um profundo nível de experiência, com o qual temos dificuldade de lidar com a linguagem habitual, de modo que não raro se utilizam imagens poéticas para se referir a ela. Edith Stein comenta essa ancoragem no próprio centro pessoal como sendo *ancoragem no alto*: uma imagem espacial paradoxal busca clarear o significado. Quando há experiência de surpresa com o próprio ser, ou de respeito pela vida que se manifesta, há uma abertura e um convite à ancoragem em si próprio desde o alto. Dela resulta liberdade, considerando limites e determinações sob novas luzes (STEIN, 2007b; MAHFOUD, 2019).

À vida anímica natural-ingênu [ou natural-espontânea] contrapomos outra de estrutura essencialmente distinta, que vamos denominar [...] *liberta*. A vida da alma que não é impulsionada desde fora, mas *guiada desde cima*. Esse *desde cima* é, ao mesmo tempo, um *desde dentro*, pois ser elevada ao reino do alto significa, para a alma, ser implantada totalmente em si mesma. E vice-versa: ela não pode assentar-se firmemente em si mesma sem ser elevada acima de si própria – precisamente ao reino do alto. Sendo conduzida ao interior de si mesma e, por isso, ancorada no alto, fica *cercada*, subtraída às impressões do mundo e ao abandono sem defesa. É o que designamos como *liberta* (STEIN, 2007b, p. 69).

Nesta ancoragem no alto há liberdade quanto às impressões e reações, o que leva Stein a denominar vida anímica *liberta*. Além da vida anímica natural, espontânea (lidando com horror ou admiração, amor ou ódio, temor ou esperança), Stein aponta outra possibilidade de ser si mesmo: nessa, as tensões já não são tão determinantes,

as decisões já não são tomadas com base em vantagens ou deveres formais, mas por uma necessidade de tomar posição enraizadas no alto para a realização de si.

Como o natural-espontâneo [ou natural-ingênuo], o sujeito anímico liberto apreende o mundo com o espírito. Também recebe, em sua alma, impressões do mundo, mas essas impressões não a movem imediatamente. A alma as aceita precisamente desde aquele centro com o qual está ancorada no alto; suas tomadas de posição partem desse centro e são prescritas desde cima. [...] A agitação da vida anímica natural não atinge o centro, que é o lugar da liberdade e o ponto de origem da atividade. Com esse centro, a alma guiada está voltada precisamente para o alto, nele recebe as indicações do alto e deseja mover-se por essas desde o centro (STEIN, 2007b, p. 69-70).

O Evangelho de João (Jo 21,15-19) nos oferece uma significativa imagem em que podemos testemunhar uma experiência dessa ordem se dando: Pedro, que fizera propósitos grandiosos de defender Jesus de seus perseguidores, acabou por fugir e abandoná-lo, e de repente se depara com ele: com dificuldade de fitá-lo, envergonhado de seus evidentes limites e contradições, condoído e cheio de remorso pela traição, permanece calado. E Jesus toma iniciativa, colocando uma pergunta que convida Pedro a ancorar-se no alto, em sua própria experiência, de modo bem mais radical: “Você me ama?”. E respondendo ao convite a tal reconhecimento, com liberdade Pedro responde: “Sim. Você sabe que sim.”

Sem ancoragem no alto, a alma se limitaria à sua tarefa constitutiva da pessoa humana, o sujeito estaria preso aos cuidados ou tentativas de recolher a multiplicidade de vivências. Como se o cuidado consigo mesmo ainda fosse a árdua tarefa de lidar com as angústias, sem poder se libertar de seu peso. Com a ancoragem no alto, porém, há possibilidade de liberdade, pela valorização do acontecer da vida pessoal, da vida mesma e do existir, para além das limitações própria e alheias, para além de ser eventualmente tratado com desrespeito, ou para além de não acontecer algo desejado e planejado. Ancorado no alto, há possibilidade de lidar com as tensões, já não tão determinantes. Na ancoragem no alto, que é radicalmente ancoragem em si mesmo, há vida humana livre, liberta.

Uma vez que “a agitação da vida anímica natural não atinge o centro, que é o lugar da liberdade e o ponto de origem da atividade” (STEIN, 2007b, p. 69), é a liberdade que altera o âmbito de vida natural e não vice-versa. Então, a alma aceita em si as vivências naturais alocadas no reino da liberdade, e a pessoa aprende a se

ancorar no alto ao viver toda espécie de vivências e suas tomadas de posição partem desse centro e são prescritas desde o alto; assim como – aceitando – ela aprendera a entrar no âmbito de maior interioridade a partir das sensações (STEIN, 2007b).

A radicalidade deste nível de experiência de liberdade deixa uma grave provocação a todos que se deparem com o problema da formação da pessoa humana ou o desafio de justas relações interpessoais e sociais: Como convidar à interioridade? Do evidenciado por Edith Stein, é evidente que não se trata de propor exercícios de percepção de si, nem mesmo de definir regras éticas oriundas de certa concepção de pessoa. O desafio que herdamos de Stein se refere a viabilizar a experiência da liberdade possível a cada pessoa (justamente por ser pessoa), convidando ao trabalho de atenção à própria experiência com sua complexidade própria. Trabalho de atenção este que cabe, inevitavelmente, somente à própria pessoa.

Francisco de Assis experienciou horror diante de um leproso que dele se aproximara e pouco tempo depois o próprio Francisco buscou se aproximar do leproso e abraçá-lo: muitos de nós somos provocados por essa experiência de liberdade, que continua a ser um convite ao longo da história, continua a gerar questionamentos em nossas culturas há séculos. Poderíamos restringir nossa atenção à vivência anímica em questão, mas podemos também adentrar a experiência que nos provoca em nível mais profundo e, aceitar sermos vitalizados pela ancoragem no alto.

Trata-se, evidentemente, de uma experiência de santidade, mas pode ser lida em sua dinâmica de vida humana, inclusive apreendendo como a graça atua na pessoa como unidade corpo-mente-espírito (STEIN, 2007b), reconhecer processos de acesso à interioridade pessoal em experiências místicas e também em diversas outras experiências humanas, sem confundir suas especificidades (STEIN, 1999).

Neste sentido, podemos estabelecer um paralelo entre aquela experiência de Francisco de Assis com a de um retirante no nordeste brasileiro durante um longo período de seca: Sob o escaldante sol de meio dia, numa pequena cidade, ele esvanece na calçada; acudido pelos passantes, perguntam-lhe se havia se alimentado. Tendo respondido que não se alimentava há dias, alguém lhe deu um lanche, e ele logo afirma: “Vou levar para minha filha”. Consideremos a experiência de liberdade de uma pessoa que não se alimenta há tempos (a ponto de desmaiar) e que ao ter comida à mão não toma posição no nível – esperado – da vida anímica espontânea ao incluir a figura de sua filha na situação. Aquela tomada de posição livre e realista deixou, para sempre, marcas no jovem que a testemunhava.

Pois bem, o desafio deixado por Edith Stein se refere a aprofundar o olhar sobre a experiência humana e sobre as possibilidades de liberdade pessoal e efetivar convites claros a que cada pessoa humana acesse sua própria experiência na complexidade que a caracteriza. A tendência de nossa cultura é se voltar a normatizações e pressões sociais buscando direcionar as experiências numa direção valorizada. Mas o desafio que estamos recebendo se refere a convidar à interioridade e à liberdade por esta viabilizada: convite que não pode ter respostas reais pré-estabelecidas ou generalizadas. (Não bastariam projetos de inclusão ou normatização de atitudes esperadas, por exemplo). A tomada de posição livre é o grande acontecimento. Este gera novidade e crítica na vida pessoal e social, e provoca novos e autênticos processos de elaboração da experiência.

Como convidar à interioridade como atenção à experiência viva, reconhecendo os movimentos da alma que fazem parte de nossos processos humanos? A pergunta aguarda respostas pessoais de cada um que apreenda o valor e radicalidade do problema.

## REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. El estudio del alma entre psicología y fenomenología en Edith Stein. In: RABANAQUE, L. (Org.) **Afectividad, razón y experiencia**. Buenos Aires: Biblos, 2012. p. 123-141.
- FARIA, D. Alguma coisa trazia a candeia para dentro – havia uma noite dentro da casa. In: FARIA, Daniel. **Homens que são como lugares mal situados**. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016. p. 71.
- GUARDINI, R. O encontro. In: COGO, L; CHAVES, C. (Org.). **Curso de extensão em educação infantil**. Belo Horizonte: AVSI, 2002. p. 204-212.
- LAVIGNE, J.-F. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. **Teologia em Questão**, Taubaté, v. 15, n. 2, p. 101-124, dez. 2016.
- MAHFOUD, M. Formação da pessoa em Edith Stein: dos dados sensíveis à plenitude da pessoalidade. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Org.). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017a, p. 283-295.
- MAHFOUD, M. Silêncio e interioridade pessoal em Edith Stein. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 29, n. 48, p. 840-864, set./dez. 2017b. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.29.048.DS08>
- MAHFOUD, M. Núcleo da pessoa como centro pessoal da alma humana: com Edith Stein para uma psicologia com alma. In: MAHFOUD, M. (Org.). **Psicologia com alma**: a fenomenologia de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 139-162.
- MAHFOUD, M. Reconhecer o movimento do eu: processos psicoterápicos. In: ANGERAMI, V. A. **Atualidades em psicoterapia fenomenológico-existencial**. Belo Horizonte: Artesã, 2020, p. 75-83.
- SAVIAN FILHO, J. De que falamos quando falamos de alma? Fundamentos da descrição da vida psíquica, por Edith Stein. In: MAHFOUD, M. (Org.). **Psicologia com alma**: a fenomenologia de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 19-58.
- STEIN, E. Il castello interiore. In: STEIN, E. **Natura, persona, mistica**: per una ricerca cristiana della verità. Tradução: Edizioni O.C.D.; Revisão: A. M. Pezzella. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1999. p. 115-147.
- STEIN, E. **Ser finito y ser eterno**: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Tradução: A. Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- STEIN, E. Acto y potencia: estudios sobre una filosofía del ser. In: STEIN, E. **Obras Completas**: Escritos filosóficos: etapa de pensamiento cristiano. Tradução: A. Pérez, J. Mardomingo e C. R. Garrido. Burgos (Espanha): Monte Carmelo, 2007a. p. 223-536. v. 3.

STEIN, E. Naturaleza, libertad y gracia. In: STEIN, E. **Obras completas**: Escritos filosóficos: etapa de pensamiento cristiano. Tradução: A. Pérez, J. Mardomingo, C. R. Garrido. Burgos (Espanha): Monte Carmelo, 2007b. p. 55-128. v. 3.

STEIN, E. **La struttura della persona umana**: corso di antropologia filosofica. Tradução: Michele D'Ambra; Revisão: A. M. Pezzella e M. Paolinelli. Roma: Città Nuova, 2013.

STEIN, E. Sull'idea di formazione. In: STEIN, E. **Formazione e sviluppo dell'individualità**. Tradução: Edizioni O. C. D.; Revisão: A. M. Pezzella e A. Togni. Roma: Città Nuova, 2017. p. 53-73.

STEIN, E. Vida de uma família judia. In: STEIN, E. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução: M. C. V. Wollny e R. Kirchner; Revisão: J. Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. p. 19-533.

STEIN, E. O que é fenomenologia. In: STEIN, E. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução: U. A. Matthias. São Paulo: Paulus, 2019. p. 31-44